RESGATE E VALORIZAÇÃO DA LITERATURA INDÍGENA - DIVERSIDADE CULTURAL E IDENTIDADE DOS POVOS ORIGINÁRIOS

CUSTODIA MARIA MARTINS REVEIHU

RESUMO:
A valorização da cultura indígena é essencial para resgatar a identidade dos povos originários, combater estereótipos, promover a diversidade e ampliar a representatividade desses povos na sociedade. Ao reconhecer e valorizar as narrativas indígenas é possível fortalecer a identidade e autoestima das comunidades e contribuir para a preservação de suas tradições ancestrais.
A divulgação de toda manifestação artística e cultural desses povos contribui para a inclusão, o respeito e a valorização cultural em nossa sociedade. Através dos textos literários é possível perceber a forma de expressão rica e diversificada dos indígenas e entender a história, os valores e as tradições dos que desbravaram essas terras em completa harmonia com a natureza.
PALAVRAS-CHAVE: Povos originários, cultura, identidade, ancestralidade, literatura.

INTRODUÇÃO:
A proposta desse trabalho é desenvolver uma reflexão acerca da cultura indígena, trazendo aprofundamento em estudos voltados para a literatura a fim de compreender, a partir dos momentos históricos, como os indígenas foram compreendidos e retratados a partir da palavra ao longo dos tempos e como seus valores e sua cultura foram entendidos e formatados para se ajustarem aos contextos social, político e econômico de cada época.
De acordo com Dorrico, Julie (2018), desde a década de 1990, a literatura indígena brasileira tornou-se um fenômeno político social e tem se apresentado como forma de militância. Ativismo e fortalecimento da representação da cultura indígena na esfera literária. Durante séculos, a história dos povos originários foi contada através de uma só voz, porém, nas relações de contato, quando um só fala, nega a existência do outro. A ausência de voz dos povos indígenas resultou em origem silenciada e identidade violada, tornando-os invisíveis, sem representação nas esferas políticas e sociais.
A expressividade desses povos, suas ancestralidades, língua, valores e cultura passaram a ser mais conhecidas e divulgadas a partir da transição da cultura oral para a cultura escrita. Obras literárias escritas, especialmente por indígenas, apresentam aos leigos a cultura indígena através protagonismo dos autores que tomam para si o compromisso de revelar, de forma fidedigna, a história da sua etnia e de seus ancestrais. A partir desse protagonismo foi possível revelar a singularidade étnico-antropológica e torná-la acessível para consulta, estudos ou deleite. O acesso à cultura indígena tornou-se obrigatório nos currículos escolas, assim, crianças e jovens estão enveredando por caminhos históricos mais próximos à realidade dos fatos e tendo a oportunidade de valorizar a cultura indígena e reconhecer a vasta contribuição para a formação do povo brasileiro.
Apesar dos avanços, as produções culturais indígenas ainda têm pouca representatividade no cenário literário brasileiro. Explorar essa temática é desbravar um caminho novo, trilhado por poucos e ainda com pouca visibilidade, pouco interesse. Ao abordar estudos da literatura indígena, passase a ter um olhar que ultrapassa os conceitos estabelecidos e aceitos como bons e pertinentes para representarem os povos indígenas durante séculos ao longo da História. Ampliar essa visão é como jogar luz em um ambiente de penumbra. O que se revela é um cenário deslumbrante que surpreende e assusta ao mesmo tempo, por trazer a consciência do quanto contribuímos para tornar invisível uma cultura tão rica em detalhes, em conhecimento, em ancestralidade. Não se trata de um cenário novo, recente... sempre existiu, porém não se estabeleceu, ao longo da história do nosso país um diálogo com a cultura indígena que permitisse uma aproximação para compreendermos melhor o quanto a invasão dos seus territórios e a intervenção na sua cultura os afastou de uma existência naturalista.
É possível construir pontes que ultrapas-

sem os muros da "ignorância" e a partir do fortalecimento das discussões sobre temas, sobre valores, sobre povos indígenas e suas demandas atuais, pode-se compreendê-los em sua essência e respeitá-los na sua singularidade.

Reler a história dos povos indígenas sob esse novo olhar é desconstruir conceitos empobrecedores dessa cultura que por muito tempo foi analisada sem aprofundamento nos processos históricos e sem valorizar a rica experiência de vida dos indígenas.

Os povos indígenas não passaram pela nossa história. Eles estão e sempre fizeram parte da nossa contemporaneidade, assim não podem continuar no esquecimento, nem serem descriminados nem mal conceituados.

A inclusão de políticas educacionais para essa população representa uma oportunidade para mudança de pensamento em relação à cultura indígena, pois alcançará um público jovem, crítico, mais aberto à diversidade e mais consciente da sua responsabilidade de todos nós como sujeitos históricos e de direito.

Indígenas: sujeitos de direito

A partir da Constituição Federal, os indígenas foram reconhecidos legalmente como pertencentes a esse território, tornando-os sujeitos de direito à existência com dignidade, respeitando e reconhecendo suas demandas e sua cultura.

São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens. (CF/88)

Esse fato trouxe maior visibilidade para os indígenas, especialmente por envolver interesses relacionados à demarcação e a exploração de terras, conflitos que ainda são prementes e causam desconforto aos defensores dessas causas.

No campo educacional, uma grande contribuição foi a aprovação da Lei 11.465/08 que incluiu o ensino de História e Cultura Indígena e Africana, nos currículos da educação básica e superior.

Essas mudanças foram importantes para a produção de conteúdos que dialogassem melhor com o contexto histórico e abriu espaço para uma produção literária que apresentasse a temática indígena dentro de uma visão mais realista e menos lendária, mitológica, folclórica, desses povos.

Estados e municípios revisitaram seus currículos para adequarem-se às novas exigências de Ensino e oferecerem novas orientações pedagógicas, a fim de apresentar a História a partir da valorização da diversidade e da pluralidade dos povos do Brasil e de suas culturas e, acima disso, demonstrar que somos produto constituídos por influência de todas essas etnias, buscando em nós comportamentos, hábitos e vivências originárias desses povos.

As escolas são instrumentos que visam a transformação social, podem e têm o dever de reconstruir a história dos indígenas e desfazer preconceitos e estereótipos arraigados por séculos na nossa história e ressaltar que os povos originários são precursores de muitos saberes e de fazeres que foram sucumbidos, silenciados, recusados por poderes instituídos, resultando no extermínio cultural e físico dos povos originários. É importante que as futuras gerações compreendam que em nosso território há muitas comunidades indígenas que detém um rico patrimônio cultural, linguístico e arqueológico e que isso não está dissociado da construção da identidade nacional. Assim, é necessário valorizar tudo o que foi identificado e documentado e que ainda sobrevive dessa riqueza originária que contribuiu para a construção da nossa identidade nacional.

A Literatura como Direito Subjetivo:

A leitura por prazer, por curiosidade, sem intencionalidade prática e objetiva é um direito reconhecido a cada indivíduo em sua qualidade de ser humano. O acesso à literatura é de fundamental importância para o desenvolvimento humano, pois permite que as pessoas desenvolvam sua criatividade e imaginação; que compreendam melhor os outros, a sociedade em que vivem e também ressignificam as próprias existências. Entretanto, muitas vezes o acesso à algumas leituras são limitados por barreiras econômicas, sociais e culturais, o que pode perpetuar desigualdades, exclusão social e, principalmente, obras literárias podem ser utilizadas como mecanismo de manipulação, de dis-

seminação de ideologias preconceituosas e discriminatórias. Um dos fatores que contribuem para que isso aconteça é a promoção, oferta e divulgação de alguns autores em detrimento da pouca visibilidade de outros.

O acesso à leitura é fundamental para melhor compreendermos o mundo e valorizarmos todas as etnias, raças e culturas, especialmente as que foram suprimidas, desvalorizadas e marginalizadas por séculos, devido à colonização e opressão cultural. A literatura é uma forma de expressão cultural que reflete as preocupações, valores, ideias, conflitos sociais, políticos e econômicos de determinada época. Esses aspectos se apresentam, quase sempre, sem a intencionalidade de denúncia. São percebidos a partir do desenvolvimento da trama, ou da descrição de cenários, da caracterização de personagens, da problematização de conflitos e assim, os leitores mais críticos vão dialogando com o momento da obra e estabelecendo uma relação com os tempos em que vivemos. Leitores que ultrapassaram a barreira das referências literárias clássicas inspirada no eurocentrismo, posicionam-se a favor da diversidade cultural e da valorização das raças e etnias na construção e no desenvolvimento de todos os povos. Ter acesso à diversos tipos de leitura representa uma forma de comentar, criticar ou refletir sobre eventos históricos e ressignificar o momento atual, a partir de uma compreensão mais abrangente sobre os conflitos vividos na atualidade

Representação dos povos indígenas ao longo da história

No poema, Erro de Português, Oswald de Andrade diz assim: "Quando o português chegou debaixo duma bruta chuva vestiu o índio. Que pena! Fosse uma manhã de sol o índio tinha despido o português". Oswald de Andrade (1927).

Apesar de contribuir para uma reflexão, o poema apresenta um simbolismo que minimiza os desdobramentos do domínio dos colonizadores sobre os indígenas, trazendo como interpretação que o encontro entre essas etnias ocorreu em um ambiente harmônico, de amizade e de proteção mútua.

A História nos mostra que, desde a chegada do homem branco, uma vasta população de povos indígenas, espalhados pelo território brasileiro, tiveram sua história e sua cultura forjada, sucumbida pelo imaginário do povo europeu. Foram retratados com estereótipos pejorativos, estigmas e preconceitos. A eles não foi apresentado um olhar humano que os concebessem como pertencentes a um território, a uma cultura, a uma identidade étnica legitimada a partir das suas crenças, religião, dos seus valores, hábitos e costumes, já estabelecidos, que não deveriam ter sido mantidos e não refutados. Carta de Pero Vaz de Caminha (1500).

Os indígenas não são povos do passado. Eles existem, são sujeitos de direitos assegurados pela Constituição Federal e estão espalhados, ocupando diferentes territórios da nossa nação. De acordo com o censo de 2010, o total de pessoas que se autodeclararam indígenas foram 817 mil. Entretanto, a partir de análises mais técnicas, baseadas na definição da ONU -Organização das Nações Unidas –, que se baseia em critérios como a continuidade histórica, cultura, autoidentificação, vinculação com o território e com outros indígenas, estima-se que existem mais de 300 etnias no território brasileiro e mais de 250 línguas são faladas. brasilescola.uol.com.br – (acessado em 09 de dezembro de 2022).

É necessário reconhecer, cuidar e preservar essas culturas

A ampliação das discussões em torno dessa temática tem se fortalecido a partir de leis e de políticas educacionais que trazem para a discussão a voz de indígenas e de não indígenas que oferecem uma releitura da presença do povo originário do Brasil, desfazendo imagens pré-concebidas e enfatizando a experiência de vida, suas trajetórias, suas lutas suas resistências.

Literatura Indígena

O mundo literário é muito associado à palavra escrita, mas desde a antiguidade há uma presença de oralidade nos textos. Na cultura indígena também isso ocorreu. Grande parte da produção literária perpassou gerações através da oralidade. Assim, os cantos, as histórias, os ensinamentos, os heróis e as batalhas indígenas foram transmitidos ao longo do tempo, através da oralidade e pelos desenhos que faziam nas pedras e em seus artefatos como vasilhas feitas de cerâmicas,

potes etc. Os grafismos tinham seu significado e eram de fácil leitura e interpretação entre todos. A arte de desenhar não indicava apenas beleza, mas comunicação pelo imagético. Por desenhos demonstravam sentimentos, informações. As músicas cantadas nos rituais eram formas de comunicar-se com os espíritos ancestrais, mas também se relacionavam com o estado de espírito dos povos, se estavam tristes, em festa, em cerimônias ritualísticas, etc.

Desde os primeiros registros literários, inscritos de autores não indígenas, manifestaram suas impressões a partir da observação e análise da interação do indígena com o seu ambiente natural. Esse critério não permitiu uma reflexão mais crítica acerca da existência desses povos, fato que desencadeou muitos equívocos nas narrativas de textos publicados.

Não se pretende aqui questionar, ignorar, nem mesmo desprezar visões e posicionamentos de autores clássicos que exploraram a temática indígena, como José de Alencar – primeira fase da geração do romantismo, indianista – que no afã de encontrar uma identidade nacional para o povo brasileiro, retratou em suas obras O Guarani e Iracema, o indígena em seu ambiente natural como símbolo de liberdade, associando a ele também o heroísmo, a bondade, a beleza natural, a força pra viver, enfim, buscando analogias com os brasileiros que nunca se revelaram como verdadeiras. A mesma simbologia aparece em I-Juca Pirama, de Gonçalves Dias – um poema épico que retrata a história de um guerreiro tupi que é capturado pelos timbiras e se sacrifica para salvar seu povo. Já Mario de Andrade, em Macunaíma, nos apresenta o indígena como "um herói sem caráter" e em tantas outras obras literárias conhecidas, tanto na prosa quanto na poesia, que são apresentadas aos estudantes, durante a sua formação básica, por vezes sem reflexão, nem criticidade.

Apesar de essas obras literárias apresentarem equívocos e trazerem uma visão indígena, ora romantizada; ora pejorativa, refletem visões que dialogam com momento histórico e com as políticas públicas do período em que foram publicadas e devem ser valorizadas nesse contexto.

O que precisa ser divulgado é que os povos originários foram e são produtores de cultura, seus valores e tradições, seus conhecimentos sobre a vida em comunidade, o respeito à natureza, seus rituais de celebrações, as músicas, as danças caíram no esquecimento por se tratar de uma população que foi isolada, esquecida e, apesar de terem contribuído e influenciado em muitos aspectos a cultura brasileira, pouco se fala, pouco se lê, pouco se faz pelos povos originários.

Com o passar dos tempos, os povos originários travaram batalhas tiveram suas causas defendidas por naturalistas que colocaram as questões indígenas no centro de debates importantes, trazendo visibilidade, espaço e representação, especialmente nos contextos político e social. Há representatividade desses povos na política, na música, na dramaturgia e nas artes em geral. Assim muito da cultura indígena passou a ter visibilidade em diversas esferas sociais, podendo ser consumidos como arte ou como produto concreto. Trabalhos artesanais como a cerâmica e a fabricação de utensílios e de adornos e também a arte ancestral do grafismo passou a ser mais estudada, divulgada em diversos espaços em diferentes localizações do país.

Essa aproximação integrou muitos indígenas à sociedade, e permitiu que novos registros e produções literárias, escritos por indígenas e por não indígenas, rompessem com a visão mitológica e folclórica, que por muito tempo, alimentou narrativas fantásticas, que são ótimas leituras para aguçar curiosidade e imaginação dos leitores, mas que não são a única influência dos povos indígenas na formação do povo brasileiro. Eles também deixaram seu legado no campo das artes, na medicina, na culinária, nos espaços físicos urbanos, na compreensão do ambiente natural.

Há muitas produções literárias indígenas que estão sendo consumidas por estudantes e por leitores que se interessam por essa temática. A queda do céu, de Davi Kopenawa e Bruce Albert é uma obra literária que retrata a cosmologia e a visão de mundo dos Yanomami, uma das maiores etnias indígenas do Brasil; Mitologia dos Índios do Brasil, de

Alfred Métraux, um livro que reúne contos e lendas de diversas etnias do Brasil, incluindo os tupis, os Guarani e os Xavantes; Contos indígenas brasileiros de Daniel Munduruku, um livro que reúne histórias e retrata a cultura das etnias Karajá, Pataxó e Munduruku. Esses autores contribuem para a visibilidade da cultura indígena e
entre eles, o autor Daniel Munduruku, conceituado como o principal autor indígena da atualidade, abraçou a missão de corrigir o curso da história e de abrir caminhos para melhor compreensão de quem são os indígenas da atualidade, onde eles estão, como eles vivem e quais são suas demandas.
É morador do Estado de São Paulo desde 1987 e publicou uma obra intitulada Crônicas de São Paulo em que apresenta o quanto há de marcas e legado indígenas no espaço físico urbano da cidade. Ele analisa os nomes indígenas de diversos bairros, faz uma analogia entre esses nomes, o que eles representam e a relação deles com a história do lugar. É surpreendente o quanto de influência indígena há na cidade de São Paulo. Por todos os lugares ele encontra significado, histórias, memórias de quem passou por lá. Oferece, em sua narrativa, uma reflexão crítica que se apresenta com bastante sutileza e em algumas passagens até mesmo delicada e romântica sobre a presença da história dos antepassados da cidade de São Paulo.

Tatuapé, Anhangabaú, Itaquera, Guaianases, Ibirapuera, Anhembi, Tucuruvi, Jabaquara, Tamanduateí, Pirituba, Mooca... Lugares transformados em caminhos, pontos de encontro, rotas de fuga. Nomes que indicam origens eventos, emoções de tempos antigos. Nomes que habitam nossas memórias e às vezes caem em nossos lábios apenas por força do hábito. Palavras que carregam histórias. (Munduruku, Daniel - pág.12)

Para destacar, Ibirapuera, significa: lugar de árvores. Ele associa a área circular do parque como uma aldeia indígena; o lago é narrado como um velho avô que tudo ouve impassível e paciente; sobre as árvores diz: “parece que elas formam uma teia que nos une com o infinito, tornando-nos mais importantes do que somos” (pág. 23).

O autor busca resquícios da ancestralidade paulistana e ao relembrar a instalação da Missão de São Paulo de Piratininga, pelos padres jesuítas, núcleo da expansão da cidade, apresenta a expansão da cidade e a construção de prédios como uma drástica mudança de hábitos e costumes para os indígenas que decidiram desaparecer desse lugar, por entender que os hábitos e costumes europeus não eram bons para si e para seus filhos.
O olhar atento do autor nos apresenta uma cidade permeada por influências indígenas. É um paradoxo pensar que a maior e mais moderna cidade do país tem, em sua essência, uma forte presença dos povos originários, que se mantém viva, apesar da distância entre a cultura supostamente “civilizada” e o ambiente natural dos indígenas.
Em síntese, a cidade representa um movimento de resistência cultural marcado por um legado que demonstra a força dos povos nativos em nosso país, porém a construção dos significados das palavras indígenas, baseou-se em vivências e em histórias que não foram representadas em palavras. É fato que a literatura indígena existe muito antes de ser representada por palavras. Assim, os cantos, as histórias, os ensinamentos, os heróis e as batalhas indígenas foram transmitidos ao longo do tempo, através da oralidade e devem fazem parte da nossa literatura, serem lidos e discutidos nas escolas e em outros espaços culturais.

CONCLUSÃO:
O respeito às diferenças e o reconhecimento da diversidade e da pluralidade têm sido um debate permanente na atualidade, porém as questões indígenas ocupam ainda um espaço muito pequeno nesse cenário. A cultura indígena está presente em diversos espaços físicos no Brasil e em outros países também. Representa força e resistência e durante muito tempo foi transmitida apenas através da oralidade. Grupos indígenas, espalhados por todo o território brasileiro, lutam para manter e repassar suas culturas às novas gerações, que já sofrem influência do mundo moderno. A possibilidade de se ter registros escritos, tanto na língua indígena, quanto em língua portuguesa, representa

um importante legado cultural que mantém viva a cultura e favorece o entendimento e a valorização dos povos originários.

As primeiras inspirações para produção literária vieram desses povos: o ambiente natural, a maneira de ser e de viver, os valores, os hábitos e os costumes se transformaram em mitos e lendas que não foram valorizados na nossa cultura literária que cedeu espaço para contos e fábulas de origem europeia.

A literatura indígena vai muito além de representações lendárias e místicas. Refletir sobre os diversos gêneros dessas produções literárias e trazer essas temáticas para os espaços educacionais de forma contextualizada, contrapondo e analisando obras escritas, investigando origens de nomes, de hábitos e de costumes, representa estabelecer um diálogo entre o passado e o presente, que trará novas possibilidades de entendimento do que somos, a partir do reconhecimento e valorização da nossa cultura originária.

O acesso à literatura é um direito. Crianças, jovens e estudantes da educação básica estão tendo acesso às publicações de autores indígenas e também de não- indígenas, que apreciam a cultura e escrevem sobre as temáticas indígenas. Essa possibilidade caminha rumo a uma ressignificação da cultura indígena no Brasil, apontando para o reconhecimento e valorização desses povos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DONATO, Hernani. Os Índios do Brasil. – 2. Ed. São Paulo: Editora Melhoramentos,2010

GALDINO, Luiz. Mitologia Indígena – São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2016

MIRIM, Adolfo Wera, A História da Vida Guarani - São Paulo: Editora Unimarco 2006

MUNDURUKU, Daniel. Memórias de Índio: Uma quase autobiografia 1. Ed. Porto Alegre, 2016

MUNDURUKU, Daniel. Crônicas de São Paulo: Um Olhar Indígena – 2 Ed. Callis Editora - São Paulo, 2009

PAPPIANI, Angela; LACERDA, Maria P. Ynyxiwè que trouxe o sol e outras histórias do povo Karajá – São Paulo, 2014

DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando - Literatura indígena brasileira contemporânea – São Paulo, 2018)